

A Exposição  
Trabalho de  
Arte  
Exhibition  
As a Work  
of Art

Creditos / Credits

Jens Hoffmann

A Exposição como Trabalho de Arte *The Exhibition As a Work of Art*

Publicado por / *Published by:*

Edition Valerio

Design Gráfico por / *Graphic Design by:*

João Modé / Jens Hoffmann

Traduzido por / *Translation by:*

Paulo Andrade Lemos

Agradecimentos / *Thanks to:*

Luiz Augusto Teixeira de Freitas, Reynaldo Roels Jr.

Agradecimento Especial / *Special thanks to:*

Luise Lambri

Publicado na ocasião da exposição / *Published on the occasion of the exhibition* A Exposição como Trabalho de Arte / *The Exhibition As a Work of Art* na / *at* Escola De Artes Visuais Do Parque Lage, Rio de Janeiro em colaboração com / *in collaboration with* Nuclear - Núcleo de Livres Estudos de Arte e Cultura Contemporânea / Instituto de Artes / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

© 2003 Edition Valerio, Paris/Berlin



A Exposição como Trabalho de Arte será uma mostra que parte das questões da construção da exposição, para alcançar um ponto em que uma exposição poderia potencialmente existir sem qualquer trabalho de arte mas ainda assim se tornar um trabalho de arte em si mesma.

Já durante os anos 1960-70, realizadores de exposições como Harald Szeemann ou Pontus Hulten reivindicavam as potencialidades artísticas e criativas dos curadores e dos modelos curatoriais estabelecidos, nos quais as exposições não apenas são o principal 'legado' para a apresentação da arte mas se tomam um princípio criativo em si mesmo, com direitos próprios. Particularmente durante os anos 1980, muitos curadores eram referidos como diretores ou autores de exposições que, através da maneira como apresentavam, arranjavam ou agrupavam trabalhos de arte, criavam novos sentidos na forma da composição geral de suas mostras. Hoje, a fixação dos curadores em seus interesses pessoais é amplamente criticada, e diversas preocupações teóricas e colaborativas emergiram procurando disponibilizar aos artistas tanto espaço quanto possível. Entretanto, outro procedimento curatorial também emergiu, questionando e investigando o próprio conceito de curadoria e o sistema envolvido na construção de exposições. Aproximando-se de estratégias conhecidas da arte conceitual, o objetivo é um entendimento e engajamento mais profundos com esta forma particular de apresentar a arte, de modo a formular e encorajar uma ampla diversificação dos modelos curatoriais.

Considerando o ambiente educacional da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, este projeto investigará e apresentará exemplos de deslocamentos da prática curatorial através de breves proposições, de modo a lançar um olhar na história recente da construção de exposições no Brasil. Os participantes são todos protagonistas amplamente reconhecidos da cena artística brasileira, que nos últimos trinta anos emergiu como um dos lugares mais dinâmicos do planeta em termos do discurso da arte contemporânea. Os participantes incluem um grupo diversificado de artistas, curadores e escritores que de algum modo se relacionam com o pensamento em torno da exposição de arte e da exposição como arte, tópicos nos quais se apóia este projeto. A intenção é realmente pedir aos participantes para refletir criticamente acerca da idéia de exposição, levando em consideração uma conceitualização completa de seus modelos e como estes, de fato, podem formatar-se a partir de diferentes pontos de vista.

Jens Hoffmann

Participantes / Participants

Artur Barrio (Artur Alipio Barrio de Sousa Lopes) é um artista que vive no Rio de Janeiro. Ele nasceu em 1945 no Porto, Portugal. / *is an artist based in Rio de Janeiro. He was born 1945 in Porto, Portugal.*

Ricardo Basbaum é artista, curador e escritor que vive no Rio de Janeiro. Ele nasceu em 1961 em São Paulo. / *is an artist, curator and writer based in Rio de Janeiro. He was born 1961 in São Paulo.*

Ana Paula Cohen é curadora e escritora que vive atualmente em Munique Alemanha. Ela nasceu em 1975 em São Paulo. / *is a curator and writer currently based in Munich, Germany. She was born in 1975 in São Paulo.*

Paulo Herkenhoff é curador e escritor. Vive no Rio de Janeiro. Ele nasceu em 1949 em Cachoeira de Itapemirim, Brasil. / *is a curator and writer based in Rio de Janeiro. He was born 1949 in Cachoeira de Itapemirim, Brazil.*

Lisette Lagnado é crítica de arte e curadora. Vive em São Paulo. Ela nasceu em 1959 em Leopoldville (Kinshasa), Congo. / *is an art critic and curator based in São Paulo. She was born in 1959 in Léopoldville, (Kinshasa), Congo.*

Laura Lima é artista que vive no Rio de Janeiro. Ela nasceu em 1971 em Governador Valadares, Brasil. / *is a visual artist based in Rio de Janeiro. She was born 1971 in Governador Valadares, Brazil.*

Ivo Mesquita é um curador que vive em São Paulo. Ele nasceu em 1951 em São Paulo. / *is a curator based in São Paulo. He was born 1951 in São Paulo.*

Luiz Camillo Osorio é filósofo, curador e crítico de arte. Vive no Rio de Janeiro. Ele nasceu no Rio de Janeiro em 1963. / *is a philosopher, curator and art critic based in Rio de Janeiro. He was born in Rio de Janeiro in 1963.*

Adriano Pedrosa é curador e escritor. Vive em São Paulo. Ele nasceu em 1965 em Rio de Janeiro. / *is a curator and writer based in São Paulo. He was born in Rio de Janeiro in 1965.*

Iran do Espírito Santo é um artista que vive em São Paulo. Ele nasceu em 1963 em Mococa, Brasil. / *is an artist based in São Paulo. He was born 1963 in Mococa, Brazil.*

Carla Zaccagnini é artista que nasceu em 1973, Buenos Aires. Ela vive e trabalha em São Paulo. / *is an artist born 1973 in Buenos Aires. She lives and works in São Paulo.*

Ricardo Basbaum:

*Exposições como espaços de imersão, instalações que capturam o observador em sua trama produzindo efeitos além de seu sobreaviso defensivo... Se o impacto da obra desliza para o conjunto da instalação (quando o espaço ocupado é pensado junto com os trabalhos), a exposição como condição intransferível daquele conjunto se configura como mais uma coisa ali: daí a fórmula dominante "exposição = efeito de conjunto de fragmentos dispersos". Deixar a exposição pensar a exposição, o espaço pensar o espaço é um passo para desestetizá-la, torná-la também um trabalho (possível co-autoria artista/curador). Sair da rua, entrar (na exposição?): é neste intervalo de descontinuidade que se instaura um ponto sensível, confrontando expectativas prestabelecidas e surpreendentes surpresas: 'rua x exposição', e ainda 'casa x exposição', 'livro x exposição', 'cidade x exposição', etc – variadas mediações para se abordar os trabalhos. 'Exposição' é apenas um dos conjuntos de convenções possíveis que organizam o processo de trazer a público uma proposição de arte (com trabalhos mais ou menos desmaterializados...). Afinal, o que conta é a impregnação das poéticas em sua capacidade de fazer deslizar códigos estabelecidos.*

Ricardo Basbaum:

*Exhibitions as immersive spaces, installations that capture the observer in its network, producing effects that go beyond his/her defensive awareness...* If the individual work's impact shifts towards the whole installation (where the occupied space is conceived of side by side to the works altogether), the exhibition as a non transferable condition of that set is configured as just one more thing there: therefore, the dominant formula "exhibition = the 'as a whole' effect of scattered fragments". *Letting the exhibition think about the exhibition, letting the space think about the space* is one step towards de-aestheticising it, making it a work in itself (a possible co-authorship between artist/curator). Getting out of the street, coming in (the show?): a sensitive point is installed into this discontinuous interval, confronting pre-established expectations and surprising surprises: 'street x exhibition', and also 'home x exhibition', 'book x exhibition', 'city x exhibition', etc. – several diverse mediations to approach the artworks. 'Exhibition' is just one of the many sets of conventions that make it possible to organize the process of bringing publicly an art proposition (with more or less dematerialized works...). After all, what counts is the poetics' impregnation process in its capacity to make established codes to shift and slide.

Artur Barrio:

Caro Jens,

A minha reflexão em resposta à sua pergunta "Uma exposição pode ser uma obra de arte?"  
é a seguinte:

QUE IMPORTA?

Sem mais, atenciosamente,  
Artur Barrio

Ana Paula Cohen:

Lista de obras que lidam com diferentes aspectos da estrutura de uma exposição de arte, questionando os limites entre a obra e a exposição:

- *Archivo Estocastico*, Erick Beltran, Mariana Castillo, Sebastian Rodriguez, Cidade do México, 2002
- *museuMuseu*, Mabe Bethônico, Belo Horizonte, 2001 -
- *Musée d'Art Moderne. Département des Aigles*, Marcel Broodthaers, Bruxelas, 1968-1972
- *A Banca N° 2 (ou CAPA-móvel)*, CAPACETE entretenimentos, São Paulo, 2002 -
- *Boîte-en-valise*, Marcel Duchamp, Nova York, 1941-63
- *The Kinderzimmer*, Hans-Peter Feldmann, Frankfurt, 2002
- *Exposição não-exposição*, Nelson Leirner, São Paulo, 1967
- *Abstract Cabinet*, El Lissitzky, Hannover, 1927-1928
- *Paisagem imprópria*, Rivane Neuenschwander, Belo Horizonte, 2002
- *No ghost just a shell*, Philippe Parreno & Pierre Huyghe, Zurique, São Francisco, Eindhoven, 1999-2002
- *Arte micro*, Regina Silveira, São Paulo, 1982



**Paulo Herkenhoff:**

Na XXIV Bienal de São Paulo, a *Homenagem a Cara-de-cavalo* de Oiticica estava na sala dos monocromos simbólicos com a *Grande Antropophagie Bleu* de Yves Klein. Aquela obra reúne fotografias de um bandido executado pela polícia e pigmento vermelho para vincular crime, exclusão social e revolta. O objeto de Oiticica viajou por outras salas da Bienal, buscou diálogos, convivendo com a tela de Siqueiros sobre linchamentos racistas, a relação pictorialidade/carnalidade de Bacon, a dicotomia das pulsões de vida e morte com Bruce Nauman, as discussões sobre o Estado devorador dos cidadãos frente a *Jangada do Medusa* de Géricault. *Homenagem a Cara-de-cavalo* contaminou e foi contaminada de sentidos nesse inesperado percurso pelo território temporário da exposição. A obra de arte cria inteligibilidade, a curadoria requalifica provisoriamente a visibilidade disso. Sendo a obra de arte um campo constituído por si mesma como significante e por tudo escrito sobre ela (Merleau-Ponty via Chauí), a curadoria expandiu fenomenologicamente esta "escrita". Como qualquer atividade humana, a posse intelectual da arte por críticos, literatos, artistas ou curadores não está isenta de deturpações por interesses pessoais ou corporativas. Curadoria é um discurso com símbolos alheios, produzindo conhecimento *com* a obra. Aprecio curadores que trabalham como agentes dos sentidos de interrogação, negociação e decifração próprios da arte. Não penso em estética da curadoria-como-obra-de-arte, mas numa poética da presença real dignificada do sensível, para o quê não bastam um texto arguto de crítico nem a qualidade intrínseca da arte exposta.

Lisette Lagnado:

- O que é uma exposição?
- Um conjunto de signos que coloca uma discussão publicamente.
- Toda exposição é pública?
- Deve pertencer a uma coletividade, ser aberta a quaisquer pessoas.
- A tarefa das exposições consiste em mostrar a arte?
- Não somente.
- E como reconhecer onde há arte?
- A experiência, diante de sua manifestação, é insubstituível.
- Pode uma exposição ser uma obra?
- É obra pela força de trabalho, assim como a construção imobiliária passa por um canteiro de obras. Isto, quanto ao sentido de produção.
- Qual a maior qualidade de uma exposição?
- Mostrar um oceano inteiro para nadar.
- Então qual a relação com a obra de arte?
- A exposição é o meio.
- Não o fim.
- Não o fundo. Não gosto da idéia da exposição concorrer com seu objeto. A arte implanta dispositivos que ativam, a coisa vaza, extrapola.
- Ahã.
- Penso nas exposições que são site-specific, onde as topografias continente e conteúdo se misturam. Eventualmente.
- Qual a diferença?
- A exposição fica invisível.
- Então não há exposição?
- Certas exposições são propositivas, hospedando o sonho mais secreto do artista.
- Por exemplo?
- Uma obra perdida e solta, para ser achada.
- Dentro da exposição?

Ivo Mesquita:

A despeito de toda criatividade de curadores como Szeemann, Hulten ou mesmo de figuras como Peter Greenway ou Bob Wilson, que atuaram como tal, uma exposição é antes de tudo um "texto", um discurso que nasce da apropriação do trabalho ou trabalhos de outrém e da percepção e consciência de temas ou questões abordadas e trabalhadas pela produção artística. Ainda que implique em autoria, imaginação, originalidade, ela supõe uma finalidade – conhecimento, organização, educação, lazer, informação etc – o que não é, necessariamente, uma condição para a produção de arte. Além do que, exposições são parte das atividades de um museu (centros culturais, bienais e feiras são uma derivação dele associadas à demandas sociais, políticas e econômicas), que, como os partidos políticos, a justiça, o parlamento, é uma instituição que organiza e opera as sociedades modernas. Assim, por seus objetivos e funcionalidade, ela, a instituição, demanda e impõem parâmetros éticos e define procedimentos aos seus profissionais (curadores entre eles), algo a que os artistas não estão sujeitos. Por outro lado, pessoalmente, sou sempre desconfiado de tudo que possa alimentar egos e a feira de vaidades que parece mobilizar o circuito das artes hoje. Artistas e curadores não pertencem à mesma casta. Curadores são profissionais a serviço.

**Luiz Camillo Osorio:**

Nada mais saudável do que uma coisa tornar-se outra, que se percam os critérios a priori de ajuizamento. Neste mundo de manipulações e deslocamentos, onde não há mais Ser e tudo é Dever, o pensamento derrapa, os sentidos escapam, os abismos assomam, a vertigem é a regra. O que sobra? O Nada? Silêncio. Outra vez a mesma pergunta. Ser ou não ser uma obra de arte? Repitamos de outro modo: Ser e Não-Ser uma obra de arte. Nesta negação (no Não-Ser) o que se pede é um mínimo de resistência à nossa vontade metafísica de ter razão. Que permaneçam às diferenças. Que se resista à voracidade conceitual. Arte é arte. Exposição é exposição. Ou não. Silêncio. Mais silêncio. Enquanto isso, que as exposições assumam novas formas, almejem novos fins, abram outros horizontes.

Adriano Pedrosa:

Uma exposição pode certamente ser uma obra de arte e existe uma palavra muito conhecida para isto: "instalação". (Faço menção aqui a dois exemplos radicais: "The play of the Unmentionable" [O jogo do Indizível], Joseph Kosuth, Brooklyn Museum, 1990; e "Mining the Museum" [Mineração no Museu], Fred Wilson, Maryland Historical Society, 1992). Acredito numa definição muito prática e operativa de "arte": aquilo que é produzido por um artista e que é reconhecido e contextualizado como arte. A categorização de um objeto (numa acepção bem ampla) como obra de arte não é tão interessante quanto as eventuais discussões que possam se desenvolver com o fito de alcançar (ou não) esta categorização – a questão de "como?", em oposição a "o quê?". O que pode ser feito de modo verdadeiramente muito produtivo é a colocação de um determinado objeto (num sentido amplo) num contexto ou estrutura privilegiados onde se poderá aplicar certas ferramentas para a abordagem, interpretação, crítica e análise, associadas à crítica, à história ou à interpretação da arte. É o que Roland Barthes faz em sua obra Mitologias, em que considera a Torre Eiffel, por exemplo, não tanto como obra de arte mas como um objeto complexo e significativo em vários níveis (a semiologia sendo uma das ferramentas possíveis dentre as muitas outras mencionadas aqui). Discutir a exposição enquanto obra de arte para além da noção de instalação está associada à figura do autor da mostra (que, por sua vez, poderia ser associado ao "escritor" de Barthes, em oposição ao "crítico" tradicional). Aqui, o autor da mostra desenvolve modalidades alternativas de elaboração da exposição, introjetando jogos poéticos, subjetivos ou lingüísticos (ou outros) na construção da mesma. Entretanto, a mostra autoral não constitui uma obra de arte em si e, mesmo que o curador proponha tal asserção, eu não consigo perceber o quão produtivo isso poderia ser em termos de construir, abordar ou entender a exposição – tudo isso é bastante irrelevante para mim. Por baixo desta discussão está o fato de que o status de arte de um objeto que tenha alcançado tal categorização é algo bastante superestimado – a arte sendo tratada maneira bem romântica e ingênua, como se fosse coisa do outro mundo. Não devemos nos esquecer de que até o mais terrível dos artistas ainda produz aquele objeto-do-outro-mundo – arte.

Carla Zaccagnini

Quaiquer proposta, ação ou objeto que se refira à arte (e, então, à percepção, à visão, à vista, à perspectiva, à paisagem, à natureza morta, ao retrato, ao voyeurismo, à exibição, à exposição, ao museu, à galeria, à escultura, à pintura, ao desenho, à gravura, à obra, à história, à crítica, à linguagem, à representação, à imagem, ao gosto, à beleza, ao belo) pode ser uma obra de arte. Desde que apresentada como tal por um artista.

All artists who...

All artists whose first name starts with the letter J.  
All artists whose second name starts with the letter H.  
All artists whose grandfather was called Walter.  
All artists who were born in 1972.  
All artists who have large ears.  
All artists who made love for the first time when they were 16 years old.  
All artists who were born on the 13th of March.  
All artists whose left eye is brown.  
All artists who are in love with an Italian woman.  
All artists who are 178 cm tall.  
All artists who have a scar on their left thumb.  
All artists who live in Berlin.  
All artists whose father was a prize fighter.  
All artists who have short dark hair.  
All artists who were born in Costa Rica.  
All artists whose right eye is green.  
All artists who never took cocaine but always wanted to.  
All artists who failed a class in elementary school.  
All artists who were member of a communist party.  
All artists who have a friend called Tom.  
All artists who have a dark mark in their left eyeball.  
All artists who behave inappropriately.  
All artists whose nose was broken twice.  
All artists whose mother is catholic.  
All artists who have never been to the Louvre.  
All artists whose right knee makes noises when it moves.  
All artists who were born at home.  
All artists who have a terrible handwriting.  
All artists who sleep long on Wednesday and get up early on Sunday.

All artists who... outlines in fact a concept of an exhibition. An exhibition responding to the discussion around the relation of artists and curators. The text presents various criteria according to which I would select artists for the exhibition. If you look closely you will see that those are all entirely personal facts about me that no artists will match. It is, if you will, a very over the top statement on the critique towards curatorial concepts and the shallowness of ideas in regards to exhibitions

JENS HOFFMANN